

Da leitura do livro à leitura da cultura: Práticas de leitura de duas professoras acreanas¹

From reading the book to reading the culture: Reading practices of two teachers from Acre

Maria Ana da Silva Morais Lima²

Maria Abijicélia Brandão da Silva Shanenawa³

Samuel Morais Lima⁴

Resumo: Jogamos luz sobre dois mundos: o mundo da leitura de duas professoras. Maria Ana Morais e Abijicélia⁵ Shanenawa (Matsiani). A intenção é buscar uma compreensão do sentido de ser professora e, mais especificamente, professora leitora. A metodologia é a da entrevista com a professora Matsiani e a memória da formação da professora Maria Ana. Tomamos como base teórica Freire (2004), Gallois (2000) e Hall (2016). Concluiu-se que a concepção de leitura da professora Maria Ana está muito vinculada à ideia do livro, o leitor como alguém que tem acesso e lê livros. Já a professora Matsiani transita entre a leitura da palavra e a leitura do mundo. O que se manifesta para a professora Maria Ana Morais como algo essencial (o livro escrito e publicado) e mostra sua importância atenuada frente a tudo que está a sua volta, não tem o mesmo valor dentro da cultura vivida por Matsiani, que traz na tradição a leitura oral enraizada em seus corpos e mentes. Observa-se, no entanto, que há muito significado implícito nessa relação, mas não temos como comparar e estabelecer juízo de valor entre a história de leitura de professoras diferentes que convivem com dois mundos igualmente diversos.

Palavras-chave: Leitura; Ser professora; Leitura do mundo.

Abstract: We shed light on two worlds: the world of reading of two teachers, Maria Ana and Abijicélia Shanenawa (Matsiani). The intention is to seek an understanding of the meaning of being a teacher and, more specifically, a reading teacher. The methodology is that of the interview with Professor Matsiani and the memory of Professor Maria Ana Morais's training. We take Freire (2004), Gallois (2000) and

¹ O artigo faz parte da pesquisa em andamento, desenvolvida pela pesquisadora doutoranda Maria Ana Morais Lima para o Programa de Pós-Graduação em Letras Linguagens e Identidades da Ufac.

² Docente do Instituto Federal do Acre e doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Identidades (PPGLI-UFAC) da Universidade Federal do Acre. E-mail: morais.maria@sou.ufac.br; Orcid: 0000-0002-0653-4367

³ Docente da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Acre e mestranda do Curso de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Identidades (PPGLI-UFAC) da Universidade Federal do Acre. Email: maria.shanenawa@sou.ufac.br; Orcid: 0000-0002-4032-1197

⁴ Graduando do Curso de Letras Inglês da Universidade Federal do Acre. E-mail: samuel.lima@sou.ufac.br; Orcid: 0000-0002-9395-2005

⁵ Maria Abijicélia é seu nome de nascimento no *Nawa Tsāy* (língua Portuguesa). Matsiani, é seu segundo nome, agora em *Nukē Tsāy* (língua dos Shanenawa) que também significa floresta fria. Matsiani, será o nome que iremos chamá-la durante todo o artigo, pois segundo ela (Matsiani) esse foi o nome que mais se identificou com sua personalidade.

Hall (2016) as a theoretical basis. It was concluded that teacher Maria Ana's conception of reading is closely linked to the idea of the book, the reader as someone who has access to and reads books. Professor Matsiani, on the other hand, transits between reading the word and reading the world. What appears to Professor Maria Ana Morais as something essential (the written and published book) and has its importance attenuated in the face of everything around it, does not have the same value within the culture lived by Matsiani, who brings in the tradition the oral reading rooted in their bodies and minds. It is observed, however, that there is a lot of implicit meaning in this relationship, but we cannot compare and establish a value judgment between the reading history of different teachers who live with two equally diverse worlds.

Keywords: Reading; Be a teacher; World reading.

O caminhar na trilha da leitura

É neste percurso que buscamos compreender as práticas leitoras dessas duas docentes, como algo múltiplo, dinâmico, que não nasce pronto, mas, é forjado no dia a dia da escola e da vida pessoal de cada uma, no convívio também com o educando, a observar as realidades variadas de vivência e conseguir fazer uma relação entre o conteúdo científico e o mundo cotidiano dos alunos e de si mesmo. É esse trajeto composto pelas mais diversas possibilidades que vão dando forma e cor à identidade dessas professoras. A experiência é vista, desse modo, como importante componente na sua formação docente; os saberes da experiência são responsáveis em grande parte pela constituição do ser professor.

A intenção aqui é buscar uma compreensão maior do sentido de ser professora e, mais especificamente, professora e leitora. Para isso, procuramos fazer uma aproximação entre uma docente formada na “cultura do branco”⁶ e a outra na “cultura indígena”. Qual a diferença entre esses dois mundos? Como se deu a formação docente de cada uma? Como se dá o processo de formação de leitores ao seu redor? Como ocorre a leitura nas escolas onde elas trabalham? Essas questões serão tratadas aqui tendo como base a entrevista realizada no dia 17/01/2022 por meio do *google meet* com a professora indígena Matsiani Shanenawa⁷ e a memória da formação da professora Maria Ana Morais contada por ela. Essa conversa nos fez perceber a diferença entre as duas culturas, o que nos aproxima das discussões e textos trabalhados na disciplina “Leitura e Escrita nas sociedades indígenas”, oferecida para o curso de Mestrado e doutorado em Letras: Linguagens e Identidades da Universidade Federal do Acre, disciplina na qual Matsiani e Maria

⁶ Refere-se aos não- indígenas.

⁷ A entrevista teve a transcrição literal da fala da entrevistada, para que se respeite a língua portuguesa híbrida da professora indígena. (SHANENAWA, 2021)

Ana Morais participaram no segundo semestre do ano de 2021 e juntas com o Graduando Samuel Morais chegamos ao artigo agora em mãos.

A leitura do livro como prática do ser leitor: a professora Maria Ana Morais

Quando busco em minha memória os traços que me moldam e se articulam com a vivência do chão da escola, vejo que as experiências que foram sendo vividas me formaram e me levaram a novas práticas. Minha caminhada tem vislumbrado paisagens mil, todas elas cromatizadas com cores fortes que deixam marcas na estrada de minha formação.

Venho de uma família de descendentes, de homens e mulheres fortes que vieram do estado do Ceará e que se fixaram no extremo oeste brasileiro, lá pela década de 1910 do século XX. Ao chegarem no Acre, se tornaram seringueiros⁸, desbravando a floresta, abrindo caminho em busca das melhores estradas de seringa⁹ para transformar em borracha e vende-las garantindo assim o mínimo de sustento para os seus. O rio Juruá¹⁰ e seus afluentes, se tornaram seu meio de transporte e de sobrevivência. Suas margens, converteram-se em seu *habitat* natural, cenário que a partir daquele momento se tornou morada e sustento proveniente da água e da floresta.

Lugar onde, observando as narrativas de meus avós e de meus pais, não existia a presença da escola como parte do dever do Estado. Nesse espaço, nota-se que, para as crianças, o que se tinha era o cuidado com a limpeza da casa e o cultivo no roçado, sempre acompanhado pelos pais. Talvez fosse a forma que eles encontravam para entretê-las e ao mesmo tempo ajudar na subsistência da família. Essas crianças, no entanto, tinham pouco tempo para distrações e brincadeiras, ou para se sentirem crianças. Meus pais por exemplo, sempre relatam que não sabiam nem o que era ser criança.

Eu, no entanto, não tive a experiência de conviver diretamente com a vida nos seringais, mas, tenho uma memória marcada pelas conversas sempre atrativas de meu avô paterno que, já na cidade, fazia questão de, no período da friagem¹¹, fazer uma fogueira e ao redor dela sentar-

⁸ Indivíduos que trabalharam com a extração do látex, material retirado da seringueira.

⁹ Eram os caminhos onde poderiam encontrar o maior número de seringueiras. Pela manhã, os seringueiros percorriam a estrada, faziam a sangria (corte do caule para o escoamento do látex) em cada seringueira encontrada. O látex escoava pela sangria e caía na tigela instalada logo abaixo. A tarde, o seringueiro voltava na mesma estrada recolhendo o látex que caía na tigela.

¹⁰ O Rio Juruá é um dos principais rios da Bacia Amazônica. Ele nasce no Peru e corta o extremo oeste do estado do Acre. Banha a segunda maior cidade do Acre, Cruzeiro do Sul.

¹¹ Vento frio que provoca queda da temperatura nos meses de junho e julho.

se com todos os netos e contar as histórias que aconteciam nos seringais e colocações¹² nas quais ele conviveu e sobreviveu, a partir da extração da borracha.

Nesse cenário, a escola, em si, só veio a ser uma presença mais frequente em nossas vidas, depois que nos mudamos para a cidade de Cruzeiro do Sul. O motivo que fez meus pais se deslocarem do seringal para a cidade foi a busca de escolarização para seus filhos. Nossa convivência concreta com a escola, como alunos, foi marcada pelas poucas condições econômicas vividas pelos meus pais e o restante da família. Essa conjuntura era originária de uma vida marcada com as cicatrizes deixadas pela economia da borracha, quando o corte da seringa era o único “ganha pão” diário das famílias, o que impossibilitava a existência de qualquer outra forma de sustento. Ao chegarem na cidade, meus pais não tinham nenhuma qualificação profissional, como a maioria das famílias que migravam do interior dos rios acreanos para a vida citadina, buscando sobreviver com o mínimo de necessidades sendo supridas. Nesta ocasião, se viram obrigados ao subemprego, para garantir condições mínimas de educação e subsistência dos filhos.

No entanto, ainda que meus pais tenham sofrido muitas formas de privação nesse período, eu e meus irmãos, como crianças que éramos, não tínhamos consciência disso. Em nós, o que se fazia perceptível era um encantamento diante da vida e, conseqüentemente, diante da escola. Era um gostar de estar ali, de participar daquela vida coletiva. De conviver com os colegas e com a professora. Essa vivência cativante contribuiu para criar em nós uma atitude de respeito para com o outro, visto sempre em pé de igualdade, que, creio eu, tenha sido um dos elementos constituidores de minha personalidade.

É nesse cenário que a escola nos aparece. Eu, por exemplo, passei todo o Ensino Fundamental em escolas públicas de Cruzeiro do Sul. Já no Ensino Médio, à época chamado de Segundo Grau¹³, acredito ter iniciado um momento que marcaria minha vida estudantil e profissional para sempre. Em nossa cidade, Cruzeiro do Sul, havia apenas o magistério,

¹² A “colocação”, é uma pequena clareira aberta no interior da floresta, onde fica a casa do seringueiro, chamada de tapiri, a estrada de seringa, com 100 a 200 árvores de seringueira e o defumador.

¹³ “Até 1967, o ensino médio era dividido em três cursos e compreendia o curso científico, o curso normal e o curso clássico. Na seqüência, resolveu-se mudá-lo e passar a chamá-lo de curso “colegial”, também dividido, sendo que os três primeiros anos eram iguais para todos e, posteriormente, quem quisesse fazer o antigo Normal e o Clássico tinha de fazer mais um ano. Desde 1996, no Brasil, corresponde, ao ensino médio (antigamente chamado de segundo grau), a etapa do sistema de ensino equivalente à última fase da educação básica, cuja finalidade é o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, bem como a formação do cidadão para etapas posteriores da vida”. https://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino_m%C3%A9dio (pesquisa realizada em 25/01/2022)

contabilidade e administração. Eu não tinha nenhuma proximidade com a vida de professor. Apesar de minha irmã mais velha estar cursando o magistério e ser um exemplo para mim, parecia aos meus olhos que eu não seria capaz de cumprir todas as “exigências” das disciplinas cursadas por ela. Minha irmã tinha, como se diz: “um tino a mais” para ser docente. Já eu, para fugir do jeito de ser professor preferi enveredar por caminhos mais técnicos e fazer, no Segundo Grau, o curso de Contabilidade. Dizia eu: “Eu nunca vou querer dar aula. Portanto, jamais vou fazer magistério”. Até então, tudo certo. Terminei o Segundo Grau com louvor.

No ano de 1991, recebi o convite de minha família para vir para Rio Branco, fazer companhia aos meus avós que estavam com idade avançada. Ao chegar, gostei da vida na capital, fiz o vestibular no ano seguinte, onde consegui uma vaga no Curso de Licenciatura em Geografia. A técnica em contabilidade que não queria saber de se tornar professora agora estava na sala de aula da universidade, construindo ali um novo percurso e uma nova carreira profissional. Lendo Paulo Freire (2004) e colocando suas ideias para dialogar com o que diz Hall (2016) e Martins (2018), observamos que somos “seres inconclusos”. Com esta afirmação, Paulo Freire assevera que o sujeito inacabado está em constante processo social de busca. Era assim que eu me via naquele momento.

Mesmo com todas as dúvidas de uma professora aspirante, recebi um convite de um colega de sala para dividir com ele umas turmas do Ensino Fundamental de uma escola particular bastante conceituada na cidade de Rio Branco. Aceitei. Não sabia eu que aquelas turmas eram tidas por todos os professores como as mais difíceis de conduzir naquela escola. Como já tinha aceitado, não voltei atrás.

Em 1998 passei no concurso para professor efetivo do Estado do Acre. Agora, eu também era professora de uma escola pública da periferia de Rio Branco, às margens do rio Acre. Nesse mesmo período, durante o dia eu ministrava aulas no Colégio Batista Fernanda Trimble, uma escola de classe média de Rio Branco e à noite em uma escola pública, onde a clientela era de baixa renda. Durante as manhãs e as tardes eu convivía com uma realidade escolar – não havia falta de nada. Eu tinha o material necessário para cada uma de minhas atividades; os textos eram lidos pelos alunos; eles tinham os textos/livros; havia projetor de *slides* para o compartilhamento dos conteúdos; os alunos levavam lanche de casa ou dispunham de recursos para comprá-los como queriam...Por outro lado, à noite, convivía com uma realidade que destoava de tudo isso.

Depois daí, granjeei novos voos rumo à universidade, só que agora como professora substituta no mesmo curso de graduação onde me formei. Depois disso, participei dos cursos de formação de professores rurais, onde pude ministrar disciplinas como estágio junto a essas turmas. Já nos anos de 2000, participei de mais um concurso, agora para docente do Instituto Federal do Acre, fui aprovada e lotada no campus de Sena Madureira, onde o prazer de ser professora se firmou mais ainda, procurando sempre absorver as práticas pedagógicas para construir um aprendizado que seja deleite para minha formação enquanto professora e me conduza a um trabalho docente consciente da realidade que me cerca.

Para isso, outra face de minha identidade múltipla se torna perceptível por meio de, pelo menos, duas influências na trajetória docente que perfaço até aqui. Uma foram os itinerários na passagem pelas diversas instituições de educação básica e do ensino superior que fizeram parte de minha vida professoral. A outra foi observar o exemplo de vida e de ser leitora que minha irmã demonstrou e demonstra a todos que estão ao seu redor. Sim, aquela mesma, que fez o magistério e se tornou uma professora excepcional e uma leitora que forma outros leitores. Ela nos envolve no mundo da leitura de uma forma excepcional e cativante, deixando o ar circundante com uma atmosfera que empolga, que fascina e que nos leva a mais leituras e as coloca no centro das discussões. Essas influências potencializaram meu desejo de perceber a leitura como um instrumento de compreensão do mundo e do processo de ensino aprendizagem.

Foi nesse movimento que, em 2015, fui convidada a participar do GIL- Grupo de Investigação Leitura e Vida.¹⁴O Gil tem promovido várias pesquisas durante esses seis anos de trabalho ligados sempre à questão da leitura e tem sido um espaço convidativo e acolhedor para a reflexão a respeito do tema. Meus estudos da leitura se iniciam aí.

Essa aproximação também contribuiu para que me tornasse uma leitora melhor pois, até esse momento, eu me via como uma pseudo-leitora. Quando a leitura é realizada de forma superficial e obrigatória, criam-se os pseudos-leitores que acabam apenas decifrando códigos ou na sua maioria das vezes obtendo somente informações do que leram, perdendo o sentido real do aprendizado. Leituras como essas se tornam cansativas e enfadonhas, o que causa um enfraquecimento da prática da leitura dentro da sociedade. LARROSA (2004, p. 154), afirma que a compreensão do ato de ler vem da forma como se vive essa experiência na leitura, pois ela tem que impregnar nossas entranhas e não apenas passar como uma informação.

¹⁴ O Gil é um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Acre, Câmpus Cruzeiro do Sul. Filiado ao CNPq, desenvolve pesquisas ligadas a leitura. A professora Maria Ana participa como colaboradora desde 2015.

O conhecimento adquirido sobre a leitura, com experiências vividas no grupo de pesquisa, me aproximou de discussões como essas e me fizeram ter uma visão maior da importância de se formar um genuíno leitor, isso é o que mais me enche os olhos. Essa prática, me puxou para perto dos livros, já li várias obras, tanto científicas, quanto de gêneros literários, assim também como cristãos. Atualmente, estamos desenvolvendo o Programa Presídios Leitores junto ao Grupo de Pesquisa Gil. Esse Programa, tem por objetivo realizar atividades extensionistas que contribuam para a efetivação de práticas de leitura, enquanto fenômeno estratégico para o processo de humanização, no contexto prisional do estado do Acre.

É esse entendimento da leitura que compreendi como sendo acesso às formas de representação e como o amálgama que funde realidades outras, inclusive a realidade das diferentes áreas do saber. A leitura, portanto, une dimensões distantes espaciais, temporais, contextuais. É a aproximação entre quem escreve e quem lê. Logo, universos diferentes se encontram quando essa atividade se realiza. A professora que sou hoje é o resultado de todas essas influências somadas a minha vida de ribeirinha, uma vez que nasci e percorri todo esse itinerário pessoal, profissional e leitor às margens do rio Juruá e Acre e tenho traços profundos da fronteira entre a vida ribeirinha e a vida urbana.

O jeito de ler Shanenawa: Matsiani Shanenawa e suas práticas leitoras

Segundo Loretta Emiri em seu texto “Da oralidade à formação superior indígena”, escrito em setembro de 2021, desde 1979 já se organizavam encontros para tratar da educação indígena. Na pauta desses encontros se discutiam novas concepções para o surgimento das escolas indígenas. Um dos principais objetivos das lideranças em criá-las dentro de suas aldeias, era fortalecer a alfabetização como forma de valorização de suas próprias línguas e saberes tradicionais instrumentalizando-os para situações de contato com o mundo do branco, lhes dando condições futuras de defender seus territórios, exigindo assim, consequentemente a demarcação de suas terras. Essa era a principal função da escola na visão geral dos povos indígenas.

Partimos dessa visão, para conhecer dois mundos que convivem no mesmo tempo e espaço e se mostram tão diferentes. Mundos esses de duas professoras, uma dita do “mundo branco” e outra do “mundo indígena”. São essas duas identidades formadas no seu cotidiano profissional e pessoal que estamos conhecendo aqui através de seus relatos de vida. Observamos

anteriormente que o mundo da leitura da professora Maria Ana, é marcado pela presença do livro em sua vida diária, tanto em sua abrangência profissional quanto de lazer. E Matsiani, como será sua vida de professora e leitora? É a partir dessa indagação que faremos a leitura da entrevista dada pela professora Matsiani para esse ensaio.

Maria Abijicelia Brandão da Silva Shanenawa, cujo nome indígena é Matsiani Shanenawa, vive na aldeia Morada Nova, localizada no município de Feijó, Acre, na Terra Indígena Katukina/ Kaxinawá, à margem direita do rio Envira¹⁵. Matsiani é professora desde o ano de 2012, na escola Tekahayne Shanenawa¹⁶. O ensino na escola indígena é multidisciplinar. Matsiani está hoje (2021), lecionando no 4º e no 5º ano do Ensino Fundamental. Mas, já foi professora do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e também já foi coordenadora pedagógica, tudo isso na escola da aldeia Morada Nova.

A formação de Matsiani tanto na área escolar quanto na área profissional é contada por ela da seguinte forma:

“Quando cheguei a idade de estudar, minha mãe *Ixãpanã*¹⁷ me matriculou para estudar na escola Morada Nova I na qual a professora do 1º e 2º ano era Eni Carla Brandão. Foi ela que me alfabetizou. Estudei na Escola Morada Nova I no ano 2000. Como sempre, morei com meus avós; minha avó nunca quis que estudasse na aldeia. Ela falava que eu não ia aprender nada e pediu para minha mãe me matricular na cidade. Minha avó não queria que estudasse na aldeia. Ela tinha uma visão para eu aprender os conhecimentos ocidental e que não precisava eu aprender os conhecimentos Shanenawa na escola da aldeia, pois ela já me ensinava em casa. Assim ela fez. Fui novamente estudar a 1ª série na Escola Raimundo Augusto de Araújo, no município de Feijó no ano de 2001 até 2008. Nessa escola concluí o ensino fundamental II. Tive muita dificuldade para conseguir entender o que a professora explicava sobre os conteúdos.

Durante esses percursos, enfrentei várias barreiras, dentre elas, a dificuldade para chegar até a cidade de Feijó, que era meia hora andando no ramal¹⁸. Nesse tempo, meus avós não tinham condições financeiras de comprar motor¹⁹. Mesmo assim, não me deixava estudar na aldeia. Todos os dias tinha que acordar 5 horas da manhã atravessar o rio para chegar na Escola Raimundo Augusto de Araújo. No verão, era mais fácil o acesso porque a praia fica em frente de casa, então deixava a canoa amarrada e ninguém mexia,

¹⁵ O rio Envira é um dos afluentes da Bacia Amazônica

¹⁶ É a única escola da aldeia Morada Nova. Localiza-se no centro da aldeia. É uma construção na forma de uma grande oca, rodeada de outras ocas menores que formam as salas de aula e a cozinha.

¹⁷ *Yxã* (catita), *Panã* (açai); Nome da vó em Nukê Tsây

¹⁸ São estradas não pavimentadas. É a derivação de uma via principal terrestre, que serve de comunicação com algum ponto que a via principal não toca.

¹⁹ Significa que seus pais não tinham condições de comprar motor para usar nas canoas e diminuir o tempo das viagens até a cidade.

sendo que eu e meus dois primos *Same*²⁰ e *Nixma*²¹, começávamos a jornada cedo. Depois de atravessar o rio, tinha que atravessar o igarapé Diabinho e continuar andando enfrentando boi valente e cavalos.

No inverno, era um dos períodos muito difícil por causa dos fenômenos da natureza, como as chuvas diárias, as enchentes e as lamas no ramal. Era muito complicado por conta que molhava nosso material didático no meio do caminho quando voltava para casa. Por causa dessas dificuldades, meus primos desistiram. A minha avó podia bater, fazer o que quisesse, mas eles não estudavam mais não, e realmente desistiram. Somente *Same* e eu não desistimos de terminar nosso estudo na cidade. Mesmo com toda essa dificuldade, terminei todo meu estudo com muita garra e esperança de ajudar a minha comunidade.

Tenho uma recordação: quando estudava na 5ª série, era no período da manhã, tinha a 5ª série no período da tarde na aldeia Morada Nova, eu tinha muita preguiça de cuidar de meu irmão e perguntei minha avó se ela deixava eu acompanhar meu primo na sala de aula na aldeia, primeiro comecei indo uma vez na semana. Fui gostando da aula, da maneira que o professor alfabetizava seus alunos. Passou alguns dias, comecei ir todo dia para acompanhar as aulas. Também sofri preconceito pelos meus parentes por motivo de estudar na cidade. Ficava ouvindo conversa deles falando de mim, não era eles que iam me impedir de aprender a língua Shanenawa, pois eles diziam: para que ela quer falar a nossa língua se já está estudando a língua do branco?”. A partir desse momento, comecei a ter contato com as palavras Shanenawa, eu não sabia nada de como escrever, mas eu entendia por que meus avós não falavam comigo em português. O que eu queria era aprender a escrever a língua Shanenawa porque o português eu já sabia. Quando era atividade de Português, o meu primo era o *Purumã* (Eldo), ele mandava eu ajudar os meus colegas a soletrar, criar frases etc. Eu gostava quando era na hora da atividade de *Nuke tsã*²², o professor *Purumã* mandava todos nós ficar falando a trava língua.

Atsa Tatxa

Atsa Tatxa

Atsa Tatxa

Atsa Tatxa

Atsa Tatxa

A trava língua serve para saber como que as crianças estão na sua pronúncia, se trocam o *x* pelo *s* ou trocam *s* pelo *x*. Na hora que nós íamos falar, todos ficavam rindo, trocávamos as letras: em vez de pronunciar *atsa* pronunciava *atxa* e da mesma maneira era o *tatxa* que nós pronunciávamos *tatsa*: era a maneira fácil que ele achou de ver as nossas pronúncias com as palavras Shanenawa. O meu primeiro contato com a educação escolar indígena foi com o professor *Purumã* na escola Morada Nova I. Não só ele, mas os outros professores ensinavam os alunos a escrever em *Nukē tsã* e pronunciar os nomes de animais, de pessoas, frutas, objetos e os cantos. Como

²⁰*Same* (besouro mangangá);

²¹*Nixma* (calmo, silêncio)

²² Língua do povo Shanenawa

professores, eles tinham que planejar sua aula de acordo com a realidade da aldeia, sendo que, nessa época de 2005, os pais começaram cobrar dos professores para ensinar mais a língua Shanenawa para seus filhos porque a maioria já não falava mais o *Nukê tsāy* e jogava mais a responsabilidade na escola.

No ano de 2009 a 2011 fiz o Ensino Médio na escola José Gurgel Rabello. No Ensino Médio era diferente: mesmo sendo indígena tinha que me esforçar ao máximo para tirar nota alta e mostrar para os meus colegas que também era capaz como qualquer um deles. Eu me esforçava em todas as disciplinas, mas nunca gostei de Física e Química, eu achava muito difícil essas duas disciplinas. Gostava de Matemática e Educação Física. A Educação Física era às cinco horas da manhã. No Ensino Médio, fazia o possível de terminar minhas atividades para os professores não me chamarem a atenção. Com 14 anos comecei a ter mais responsabilidade, sem minha avó estar me mandando direto para ir para a escola, eu mesma queria terminar meus estudos.

No ano de 2010, tinha meus 16 anos, me juntei com meu atual esposo Edivane Castro Ramos. Ele também fazia o Ensino Médio e íamos juntos para a escola e graças à Deus conseguimos concluir juntos o nosso estudo. Durante esse percurso, minha avó não quis que eu ficasse com meu esposo, mesmo assim fugi da aldeia para morar com ele, mas não desisti dos meus estudos. Tenho comigo que ninguém vai impedir os meus sonhos. Mesmo com 16 anos, ele não mandava em mim porque aprendi muito com minha avó que devemos sempre respeitar um ao outro.

Desde 2012, sou professora com contrato temporário por dez meses, atualmente sou da “seletiva do Estado²³” na escola Tekahayne Shanenawa. Durante esses anos, lecionei para turmas do Ensino Médio, Ensino Fundamental I e o Ensino Fundamental II. Minha primeira experiência como professora foi no ano de 2011, sendo ajudante do Purumã (Eldo) na escola Tekahayne Shanenawa. Eu planejava junto com ele, escrevia no quadro para os alunos, fazia as leituras diárias com os alunos e o Purumã ficava me observando; gostava mais quando ele mandava as crianças se sentar ao seu redor para cantar a música do *yawixi* (tatu), e mandava cantar do seu jeito e todos cantavam, até eu entrava na roda para cantar.

Como mencionei acima, meus avós foram grandes professores na minha vida pessoal. Quando tinha concluído o ensino médio no ano de 2012, surgiu uma oportunidade para ser professora na aldeia Morada Nova. Minha mãe falou com a comunidade explicando que eu já tinha terminado meus estudos e tinha conhecimento da cultura Shanenawa que meus avós me ensinavam a cantar músicas, contar histórias e pinturas Shanenawa e eles aceitaram.

Qualquer pessoa que for dar aula nas escolas Shanenawa tem que ter conhecimento da sua cultura para transmitir aos alunos. A escola Tekahayne Shanenawa, não conseguiu aprovar o Projeto Político Pedagógico Shanenawa em 2012, mesmo assim os professores lecionavam de acordo com PPPS, ensinava os alunos as metades tanto a *Nukê Tsāy* (língua dos Shanenawa) quanto o *Nawa Tsāy* (língua Portuguesa). Para ser professor indígena requer muito mais dedicação, por isso qualquer pessoa que entra na educação indígena tem que conhecer a realidade daquele povo e tem que saber que a

²³ A seletiva do estado aqui citado é uma forma de seleção simplificada de professores através de seus currículos, é o que chamamos de contrato provisório, com duração de dois anos prorrogados por mais dois.

educação indígena ensina tanto o teórico como a prática, ou seja, a própria realidade do aluno de acordo com seu povo, apresentando seus costumes.

A escola sempre trabalhou com miniprojetos de comidas tradicionais, pinturas, travas-línguas, cantos, muda de açaí e outros, sendo que, quando trabalhamos o projeto, toda a comunidade em si participa, como os pais, agente de saúde, agente de saneamento básico, agroflorestal, pajé, parteira, todos em geral. Aos poucos comecei a me aprofundar mais nos conhecimentos Shanenawa; pedia para minha avó cantar e eu começava a escrever em *Nukê tsã̃y*, em seguida dava para minha mãe ver a escrita se estava certo. O pouco que adquiri do conhecimento Shanenawa no mundo da escrita, eu agradeço minha mãe *Yxãpanã* e o *Purumã* por ter me ajudado durante esse processo de aprendizagem como pesquisadora, aluna e professora.

Em 2012 fui professora de *Nukê Xinã* (ciências) do 6^a ao 9^o ano no período da tarde. Achei muito diferente o modo de ensinar no 6^a ao 9^o ano porque já tinha experiência nos anos iniciais com meu primo. Comecei a falar para os alunos as metodologias que iria trabalhar com eles, primeiro para beber água e ir ao banheiro os alunos tinham que falar em *Nukê Tsã̃y* para sair, segundo os alunos na sala tinham que chamar seus colegas com seus nomes em *Nukê Tsã̃y*.

Em 2013 e 2014, a coordenação da escola me designou para a disciplina de Português porque, como estudei na cidade e dominava o português, seria de suma importância para ajudar os alunos da escola Tekahayne com suas escritas. Em 2015, dei aula de Português, Espanhol e Inglês no Ensino Médio no período da noite. Tive dificuldade de ensinar os alunos porque o ensino que tive na cidade era apenas o básico do básico do espanhol e o inglês, mesmo assim minha avó queria que aprendesse mais o ensino do *Nawa* (não-índio), ela pagou para eu fazer aula de informática; como sabia manusear o computador fiz pesquisa na internet algumas pronúncia em inglês e espanhol para ensinar os meus alunos. Dá para observar que minha avó sabia muito bem do que realmente ela queria que eu aprendesse, sabendo que eu iria precisar futuramente para ajudar a minha aldeia, meus irmãos e meus alunos, principalmente.

Em 2016 e 2017, a coordenação sempre observava os empenhos dos professores nas turmas, e me colocou para eu ser coordenadora pedagógica desde a Pré-escola ao Ensino Médio da Escola Tekahayne Shanenawa. Foi um prazer, mesmo não tendo a portaria para oficializar, dava o meu melhor para ajudar os professores a desenvolver seus planos na sala com mais qualidade para os alunos, não fugindo da realidade da aldeia.

Em 2018, vários professores foram contemplados com o Programa Saberes Indígenas, no qual eles se dedicaram a fazer pesquisa de novas músicas, traduzir histórias, receitas de culinárias, pinturas, ervas medicinais, todos se empenharam pesquisaram e traduziram para o *Nukê Tsã̃y* e agora estamos revisando para os livros serem publicados. Apenas em 2021 apareceu uma instituição para publicar e agradecemos a Deus por essa oportunidade de ver os nossos anciões debatendo para ver cada palavra escrita em *Nukê Tsã̃y* e ver eles pronunciando cada som.

Atualmente a escola Tekahayne tem uma equipe gestora formada e nomeada oficialmente e o nosso PPPS (Projeto Político Pedagógico Shanenawa) ainda continua no Conselho Estadual de Educação do Acre. Durante a construção do Projeto, os anciões de todas as aldeias falaram como queriam o ensino Shanenawa. A maioria deles infelizmente faleceu e hoje estamos trabalhando de acordo com PPPS. Com a educação escolar indígena,

os alunos aprendem mais o conhecimento do próprio povo e fortalecendo seus costumes para repassar também para seus filhos, netos e bisnetos. Foi adotado dentro das escolas Shanenawa o intercâmbio escolar, no qual as escolas fazem o calendário e determinam o dia para apresentar algumas atividades culturais diante das outras. Os pais dos alunos, os alunos e os professores participam desses intercâmbios em tal escola, todos ficam com seus trajes tradicionais e passam o dia todo em momentos de *xikari* (danças, cantos e brincadeiras em Shanenawa), rodas de rapé, de *Matxu* (caçuma feito de macaxeira) e a noite na rodada de *uni* (ayahuasca, cipó)”.

A conversa com Matsiani, a princípio, se deu sobre sua formação e experiência no magistério. Depois fiz algumas perguntas relacionadas especificamente à leitura. Perguntei se ela acha que os professores precisam de algumas leituras para poderem fazer um planejamento que possa ser executado dentro de uma sala de aula. E quais livros ela tem lido. Ao que ela respondeu:

“Agora, eu só estou lendo os artigos científicos, que eu tô vendo que é para o meu artigo, meu ensaio e minha resenha do Mestrado. Mas, sendo que aqui na escola da aldeia nosso meio de ler são as cantigas que nós cantamos com nossas crianças, né, na sala, cantando com eles, na nossa língua e também no formato de imagens, também a gente trabalha com apostila, né. Agora, atualmente eu coloco as imagens de alguns animais daqui mesmo, que eles conhecem. Por exemplo o tatu, eu só coloco a imagem, só que em Nukê tsã y e aí eles leem na língua shanenawa”.

E a conversa continuou, conforme a seguinte transcrição:

- *Matsiani, para você, o que é ler? O que é leitura?*

-É a vivência no dia a dia com eles, meus alunos, também na escola, também em casa, porque quando minha mãe está falando comigo em nukê tsã y, eu também estou fazendo a leitura, dela falando, eu estou tentando entender o que ela está falando, para entender as pronúncias, como ela está falando para mim tentar entender. Para mim isso também é um meio de leitura. Então, eu observo minha mãe, minhas tias e tios sempre observando a pronúncia, para saber se eu estou falando certo. Por exemplo, quando ela fala vakaynu ou fakaynu que significa o brilho da onça, se você não prestar atenção na pronúncia você não compreende o que estão falando. A primeira língua falada aqui é o português e a segunda língua mais falada é o Shanenawa.

- *Conte-me sua história com os livros.*

- Eu comecei a estudar aqui na aldeia, e fui alfabetizada aqui. Só que minha vó tinha um pensamento que ela falava assim: “Eles aqui só ensinam a cultura, como cantar, a traduzir textos” e ela não queria que eu fizesse apenas isso, eu que sempre morei com ela desde pequena. Minha mãe diz que desde os seis meses morei com minha avó. Então minha avó dizia que tudo que era ensinado na escola da aldeia ela já me ensinava em casa, ela me levava para o roçado e para outras atividades. Então para que ir para a escola se eu não ia aprender

nada? Aí ela pegou e me colocou para estudar na cidade. Na cidade eu fiz de novo o 1º ano do ensino fundamental na Escola Raimundo Augusto de Araújo em Feijó. Ali já foi o meu primeiro contato com a “leitura dos brancos”, ou seja, a leitura dos livros, mas só lia o que a professora passava. Estudei desde 2001 até 2008 sempre na mesma escola, foi quando eu me formei no Ensino Fundamental I e II. O Ensino Médio da mesma maneira sempre estudei na cidade. Na aldeia, nós não tínhamos contato com o livro, era mais a “cultura”²⁴ mesmo. O primeiro livro que eu li foi no Ensino Médio, que a professora mandou fazermos um resumo do livro “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Eu li o livro todo para fazer o resumo. Eu gostei da leitura porque ela dava para entender, por que tem livro que a gente não consegue entender o que está lendo. O autor falava e eu entendia o que ele falava, era como se fosse a própria pessoa que estava ali vivendo. Eu praticamente só leio naquele momento quando estão mandando. Mas, em casa mesmo... (risos). Eu gosto de ler contos de fada, gosto de ler muito para os meus meninos, como eles são pequenos eu conto para eles. Conto também histórias Shanenawa também para eles antes de dormir. Era o que minha vó e minha mãe faziam comigo. Aí, meus filhos quando vão dormir aí eles chamam “mãe, vem pra cá, conta pra mim a história tal...”. Aí eu fico ali embalando e contando a história para ele.

-O que você lê para levar para a escola, ou seja, qual leitura faz parte do seu planejamento de aula?

- Eu levo histórias do povo Shanenawa para eles lerem também. Nós, professores, trabalhamos muito com pesquisa. Então eu faço assim, amanhã eu vou levar a história do jabuti, então eu vou lá na minha mãe (eu a chamo de Cida) e digo para ela: “Cida, tu sabes a história do jabuti?” Ela diz: “Sei”. Então eu peço para ela me contar, gravo o áudio, vou escrevendo e no dia seguinte eu conto para os meus alunos. Isso para mim é leitura.

-Você conversa com alguém a respeito do que lê?

- Falo com minha mãe, ela também é professora e tem os conhecimento Shanenawa, ela canta, fala e traduz para Nukê Tsäy. Com meu irmão também, com meu tio, quando a gente vem da escola também vem comentando. As minhas tias, onde eu vou fazer pesquisa, elas ficam comentando sobre o que elas sabem.

-Como a leitura é vista pelo seu povo?

- Todo o povo tem a mesma visão de leitura. Nossos conhecimentos, nossa cultura e nossas tradições ainda são pouco escritas em livros como a dos brancos, por isso, precisamos ainda pesquisar. Os mais velhos são nossas bibliotecas, é neles que buscamos as leituras necessárias para ensinar nas nossas escolas.

-Você diria que na sua aldeia as pessoas gostam de ler?

- Sim, elas gostam de ler do jeito Shanenawa. Por exemplo: desde criança eles começam a cantar, já falam os nomes das outras crianças na nossa língua. Eles quase não falam mais os nomes em português, tem uns que falam, mas é difícil.

²⁴A cultura aqui descrita são as tradições orais shanenawas.

-*Você se vê como leitora? Por quê?*

- Na minha cultura eu me vejo como leitora. Já na cultura dos brancos não. Porque sou uma professora que pesquiso nossa cultura e repasso para meus alunos. Também busco conhecer as tradições através das músicas, histórias, artesanatos e conhecer as plantas medicinais, o que me aproxima do meu povo e faz com que nossa cultura se fortaleça e nossos filhos sintam orgulho de repassá-la para as próximas gerações.

Considerações Finais

Os dois mundos vivenciados aqui mostram a importância que a leitura tem dentro de duas perspectivas diferentes. O primeiro ponto de contato que analisaremos é sobre a trajetória entre as instituições formadoras das duas professoras. A professora Maria Ana se fez professora no trânsito entre a escola particular e públicas estaduais e nas instituições federais. Além desse vasto itinerário entre as instituições de ensino, fez o movimento dentro da própria prática docente, passando à docência dentro e fora da sala de aula, seja ministrando aulas nos diversos níveis de ensino, seja como coordenadora pedagógica ou coordenadora de ensino. O que se percebe é que esse percurso foi realizado no interior do sistema nacional de ensino.

Matsiani Shanenawa, pelo que se percebe ao ler sua narrativa, também transita pelas instituições de ensino. Porém, esse trânsito se faz entre a escola não indígena e a escola indígena e vice-versa, um enriquecendo o outro. Desde os primeiros anos escolares a professora Matsiani Shanenawa se vê incentivada pela avó, que a ensina seus saberes e língua, a sair da escola indígena para conhecer e participar da escola não indígena para que ela possa crescer e forjar conhecimentos multiculturais, o que fortaleceria tanto a professora quanto sua comunidade. E foi o que aconteceu. Quando a professora Matsiani Shanenawa se forma nas escolas urbanas, no Ensino Médio e na Graduação, ela ganha prestígio na aldeia, isso porque nunca deixou também de aprender sua cultura, e hoje é professora na escola da comunidade Morada Nova, passando por vários níveis de ensino e coordenando a escola.

Nosso segundo ponto de divergência e que realço aqui é o componente de formação de suas identidades, os seus nomes. Uma tem apenas um nome em português que me foi dado ao nascer: Maria Ana da Silva Moraes Lima. Com ele transita em todas as esferas, tanto familiar, profissional e religioso. É com ele, que se identifica e é identificada. Já no caso da professora Matsiani, nota-se que há uma grande diferença em sua cultura em relação a cultura não indígena, no que diz respeito ao nome. Maria Abijicélia é seu nome de nascimento no *Nawa Tsãy* (língua

portuguesa). Porém, seu primeiro nome, em *Nukê Tsã'y* (língua dos Shanenawa) é Matsiani, que também significa “floresta fria”.

O terceiro ponto de comparação entre nós é a convivência com a leitura experienciada no dia a dia de cada uma. É a forma ou maneira de ler. A professora Maria Ana vive entre os livros, e vê a prática da leitura como um dos grandes desafios da escola, na busca de qualidade na educação. Sua concepção de leitura está muito vinculada à ideia do livro, especialmente o livro impresso. O leitor sendo compreendido como alguém que tem acesso e lê livros, quanto mais melhor. Está mais ligada àquilo que Paulo Freire denomina leitura da palavra, mais relacionada com o texto escrito.

Já a professora Matsiani transita entre a leitura da palavra e a leitura do mundo. O que se mostra para nós como essencial (o livro escrito e publicado) tem sua importância atenuada frente a tudo que está a sua volta. A concepção de leitura de Matsiani, desse modo, está mais ligada àquilo que Paulo Freire denominou leitura de mundo. É a leitura do entorno mais relacionada com o que está próximo cultural, social e linguisticamente. Ler para essa professora é a percepção de tudo que está ao seu redor: o estado de espírito de sua avó em determinado momento, o comportamento das pessoas, o movimento da floresta, o comportamento dos animais, ver e entender tudo, isso é ler.

Os dois diálogos e as análises expostas acima nos mostram dois universos ricos e diferenciados. Há muito significado implícito, mas não temos como comparar e estabelecer juízo de valor entre a história de leitura de professoras diferentes que convivem com dois mundos igualmente diversos.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BANIWA, Gersem. **Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena**. In: ALBUQUERQUE, G. R. Das margens, Rio Branco: Nepan Editora, 2016.

EMIRI, Loretta. **Da oralidade à formação superior indígena**. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. www.etnolinguistica.org. Setembro 2021.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Sociedades indígenas e desenvolvimento: discursos, práticas, para pensar a tolerância. In: GRUPIONI, Luís D.; VIDAL, Lux; FISHMANN, Roseli. **Povos**

indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo: Edusp, 2000.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2016. 260 p.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel.** Tradução Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, Rosana Maria. ANUNCIATO, Rosa Maria M. Caminhos de aprendiz de professora: processos identitários em uma comunidade de aprendizagem online. **EDUR • Educação em Revista UFMG.** n.34. 2018. Belo Horizonte. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698172625>

SHANENAWA, Matsiani. **O jeito de ler Shanenawa.** Entrevista via *google meet*, 2021.